



# **TRABALHO FINAL**

## **MESTRADO INTEGRADO EM MEDICINA**

---

Clínica Universitária de Psiquiatria e Psicologia Médica

### **Preditores da Vítima de Bullying**

Maria Margarida Martins

---

**Janeiro'2017**



# **TRABALHO FINAL**

## **MESTRADO INTEGRADO EM MEDICINA**

---

Clínica Universitária de Psiquiatria e Psicologia Médica

### **Preditores da Vítima de Bullying**

Maria Margarida Martins

**Orientado por:**

Prof. Dr. Mário Simões

---

**Janeiro'2017**

## Resumo

O bullying tradicional cumpre os critérios de *intencionalidade*, *repetitividade* e de *desiquilíbrio de poder*. O cyberbullying, cuja prevalência tem aumentado, apresenta algumas diferenças. O bullying resulta da associação entre variáveis intra e interindividuais e não há uma única explicação para que umas crianças sofram de bullying e outras não.

Os fatores de risco de bullying tradicional mais robustos foram o *ambiente familiar*, a *vitimização prévia*, o *estatuto sócio-económico*, a *aparência física*, a *auto-estima*, o *estatuto social*, as *capacidades cognitiva e motora*, os *problemas emocionais*, a *ansiedade social*, o *ambiente escolar* e o *desempenho académico*. Para o cyberbullying, foram o *ambiente familiar*, a *vitimização prévia*, o *estatuto sócio-económico*, o *desempenho académico* e a *dependência da internet*, considerando-se o *controlo emocional* um fator protetor. Cada um dos *géneros* está mais propenso a sofrer um tipo específico de bullying. Sugere-se diminuição da vitimização tradicional com a *idade*, sem relação clara quanto ao cyberbullying. Os *problemas de comportamento* provavelmente estão mais associados às vítimas-agressoras.

Existem semelhanças e transferência de papéis do contexto físico para o virtual e vice versa, sendo possível considerar o cyberbullying uma nova forma de bullying tradicional.

## Abstract

Traditional bullying meets the criteria of *intentionality*, *repeatability* and *power imbalance*. Cyberbullying, whose prevalence has raised, has some differences. Bullying results from an association between intra and interindividual variables and there is not a single explanation for some children suffer from bullying and others don't.

The most robust risk factors found for traditional bullying victimization were *family environment*, *previous victimization*, *socio-economic status*, *physical appearance*, *self-esteem*, *social status*, *cognitive and motor capacities*, *emotional problems*, *social anxiety*, *school environment* and *academic performance*. For cyberbullying victimization, were *family environment*, *previous victimization*, *socio-economic status*, *academic performance* and *internet's dependency*. *Emotional control* was found as a protective factor. Each one of the *genders* is more prone to suffer from a specific type of bullying. It is suggested a traditional victimization decrease with *age*, without a clear relation with cyberbullying. *Behavior problems* are probably more associated to aggressor-victims.

There are elements in common and role transference from the physical context to the virtual context and vice versa and it is possible to consider that cyberbullying is a new way of traditional bullying.

The Final Work is about the author's opinion and not FML's.

## Índice

1. Introdução.....	pág.6
1.1.Objetivos.....	pág.6
1.2.Definição.....	pág.7
1.3.Prevalência.....	pág.7
1.4.Consequências.....	pág.7
1.5.Relação causa-efeito.....	pág.8
1.6.Motivação.....	pág.8
1.7.Natureza dos fatores .....	pág.9
2. Metodologia.....	pág.10
3. Bullying Tradicional.....	pág.11
3.1.Fatores de vitimização.....	pág.11
3.2.Vítimas-agressoras.....	pág.19
4. Cyberbullying.....	pág.20
4.1.Prevalência.....	pág.21
4.2.O que difere do bullying tradicional.....	pág.21
4.3.Motivação.....	pág.22
4.4.Fatores de vitimização.....	pág.23
4.5.Cybervítimas-agressoras.....	pág.27
5. Sobreposição entre bullying tradicional e cyberbullying.....	pág.27
5.1.Vitimização tradicional prediz cyberagressão.....	pág.28
5.2.Vitimização tradicional prediz cybervitimização e vice-versa.....	pág.28
6. Discussão.....	pág.30
7. Dificuldades e limitações.....	pág.34
8. Conclusão.....	pág.35
9. Agradecimentos.....	pág.36
10. Referências bibliográficas.....	pág.37

## 1. Introdução:

A violência na juventude é um problema de saúde pública. Inclui um leque de atos desde o bullying e lutas físicas até ataques sexuais e físicos mais severos, chegando ao homicídio.

### 1.1 Objetivos

O bullying é um fenómeno complexo, existindo um rol de variáveis que podem ser exploradas, como, por exemplo, a prevalência do fenómeno, as formas de o identificar, as consequências que dele advêm e as intervenções preventivas .

É, portanto, pertinente questionar quais as que poderão servir de mais valia em termos de prevenção e diagnóstico. Nesta linha de raciocínio, torna-se importante identificar os vários papéis inerentes ao fenómeno, nomeadamente os de *agressores*, *vítimas*, *observadores* e, ainda, *vítimas-agressoras*. Várias pesquisas têm procurado caracterizar o perfil de cada um destes indivíduos na tentativa de organizar as características individuais que os predispõem à sua participação no bullying.

É com base nesta questão que os **objetivos** deste artigo são a identificação das características de uma *vítima* de bullying, que aumentam o seu risco de vitimização, sendo que estas características são importantes para identificar crianças em risco de serem envolvidas em bullying. Também será abordada outra variante do bullying, o *cyberbullying*, pelo que se procurará, da mesma maneira, identificar os respetivos fatores de vitimização. Finalmente, em contraste com o chamado bullying tradicional, procurar-se-á comparar os fatores de vitimização e verificar se estes dois tipos de bullying (bullying tradicional e cyberbullying) têm algo em comum ou se se tratam de fenómenos de vitimização completamente diferentes.

No entanto, detetar problemas emocionais e comportamentais de um só grupo (*agressores* ou *vítimas*) é muito desafiante, visto que os papéis podem ser intercambiáveis, o que pode ser confuso para identificar problemas. Alguns estudos indicam que a vitimização e a prática de bullying estão interligados: os *agressores* são ou foram *vítimas*; as *vítimas* são, ou serão, *agressores*. (1)

Além disso, é importante realçar que a prevenção deve focar-se não só nas *vítimas* de bullying mas incluir também os outros grupos (*agressores* e *vítimas-agressoras*). A falha em tratar adequadamente os problemas subjacentes a todos os grupos de indivíduos

envolventes pode permitir que o bullying continue, sendo que todas as variáveis de risco devem ser correlacionadas umas com as outras.(1)(2)

## 1.2 Definição

O bullying é uma subcategoria de comportamento agressivo, tendo o processo de vitimização o objetivo de infligir danos ou desconforto noutro indivíduo com certas características especiais, como uma relação de poder assimétrica e alguma repetitividade. Estes três critérios, de *intencionalidade*, *repetitividade* e *desequilíbrio de poder* para a definição do comportamento chamado de **bullying tradicional ou convencional**, parecem ser bem aceites entre os indivíduos que estudam o assunto. (3)(4)

Não é ainda de desprezar o fenómeno do **cyberbullying**, cuja prevalência tem aumentado ao longo do tempo com o crescente acesso fácil e imediato à tecnologia informática (5), fenómeno esse que será explorado mais à frente.

De notar que, nos estudos analisados, quando se fala do bullying no geral, mais frequentemente se refere ao **bullying tradicional**, ou seja, aquele que se passa no *recinto escolar*.

## 1.3 Prevalência

O bullying é um fenómeno muito comum na juventude. As taxas de prevalência diferem bastante de estudo para estudo, o que pode tanto ter a ver com o país em questão como com diferentes metodologias usadas. As mesmas variam entre 10 e 70%, de acordo com alguns estudos que abrangem vários países.(6)(7)(8) Assim, considera-se que o bullying não é um único problema isolado de culturas específicas, mas é prevalente ao longo de todo o mundo. (7)

## 1.4 Consequências

Em relação às consequências a que este fenómeno leva, destacam-se claramente as consequências para as *vítimas*, visto serem estas os alvos diretos do bullying.

Estudos indicam que o bullying atrasa o desenvolvimento social e reduz a capacidade de participação social de cada um. Outros ainda indicam que o bullying afeta negativamente o sucesso académico, o desenvolvimento físico, as relações sociais e a capacidade da pessoa reagir. Estes efeitos podem contribuir para que as *vítimas* sofram frequentemente

de problemas psicopatológicos a longo-prazo, incluindo solidão, diminuição da auto-estima, queixas psicossomáticas, depressão e ansiedade. (2)(7)(9)

Assim, a importância da identificação precoce e do estabelecimento de estratégias o mais rapidamente e eficientemente possível vincula-se à importância de impedir os efeitos negativos do bullying, que podem levar, em casos mais extremos, a um maior risco de consumo de álcool e substâncias, à auto-mutilação e ao suicídio.(4)(7)

### **1.5 Relação causa-efeito**

A pesquisa do bullying foca-se maioritariamente nas características das crianças no momento em que já estão envolvidas, sendo a evidência muito limitada no que toca à associação das características das crianças e do seu ambiente *antes* de estarem envolvidas. (10)

Em parte, deve-se ao facto das pesquisas se terem centrado muito em estudos transversais, os quais revelam apenas associações mas tornam difíceis, se não impossíveis, fazer inferências causais. Tem sido sugerido que dados longitudinais são preferíveis para clarificar a direcção da causalidade e avaliar o valor preditivo desses achados.(11)

No entanto, apesar de não se saber ao certo se o bullying é uma causa ou um efeito de problemas emocionais e comportamentais, parece provável existir uma associação entre o comportamento do bullying e estes mesmos problemas. Além disso, tem-se reconhecido que a depressão, a ansiedade e a baixa auto-estima podem ser ambas consequências e precursoras de bullying. Ou seja, crianças que sofrem de bullying podem ter maior probabilidade de desenvolver problemas como depressão, ansiedade e baixa auto-estima. Noutros casos, estes sintomas podem sinalizar aos outros, que a criança em causa pode ser um “alvo fácil”. Assim, torna-se crucial identificar e resolver esses problemas para combater o bullying. (1) (9)(10)(12)

### **1.6 Motivação**

Estudos de bullying em escolas têm identificado vários fatores de risco das *vítimas*. No entanto, o bullying é um fenómeno complexo e não existe uma única explicação para que algumas crianças sofram de bullying e outras não. (2)

Estudos defendem que *agressores* e *vítimas* têm frequentemente uma relação pré-existente que pressagia o bullying ainda antes de acontecer. Essa relação pode ser de ódio, na qual os agressores transportam os pensamentos de raiva para comportamento agressivo



para os pares de quem não gostam. No entanto, pode-se ainda constatar que os agressores e as vítimas tendem a ser amigos. Tal tem vindo a ser sugerido como uma possibilidade quando as raparigas agridem outras raparigas. (13)

É importante destacar a exposição à vitimização durante a adolescência, visto ser um tempo de mudanças emocionais, físicas e do neurodesenvolvimento. Além disso, os adolescentes passam mais tempo fora de casa, pelo que estão sujeitos a uma maior variedade de exposição à victimização. (6) Os pares assumem particular importância durante esta fase do desenvolvimento. O reconhecimento social por parte do chamado “grupo de pares” é uma ajuda na busca de uma identidade própria e do seu lugar na sociedade. Ser popular, ter amigos, sentir-se excluído, ser diferente, parecer diferente e senti-lo são alguns dos sentimentos que dominam na adolescência. Conquistar a atenção dos outros, seja ela efetiva ou apenas desejada, é um ganho importante durante este período da vida.(14)(15) Assim, a agressão no bullying pode ser motivada pela pressão social em exercer uma necessidade de pertencer ao grupo. Se uma parte do grupo de iguais ou líder do mesmo comete agressões sobre uma *vítima*, é muito provável que todos os outros membros desse grupo também o cometam para não se desvinculem.(16)

Muitos destes indivíduos vítimas são menos compreendidos e são vistos como diferentes. Por exemplo, o preconceito contra gays ou transgéneros e as diferenças raciais e étnicas também são motivações comuns de bullying. (17)(18)(19)(20) Os estudantes também sofrem mais vitimização se as suas práticas religiosas forem menos compreendidas (ex: raparigas muçulmanas que usam lenços na cabeça).

Ser fisicamente ativo e jogar em desportos de equipa foi associado com menor vitimização. Estes comportamentos são consistentes como normas sociais que refletem um melhor estado de saúde, proteção de grupo e menor vulnerabilidade. (19)

Por último, existem ainda alguns indivíduos que, sentindo-se pouco adaptados ao contexto (turma, escola ou grupo de referência), se sujeitam a inúmeras agressões, humilhações, fazendo praticamente tudo o que está ao seu alcance para pertencerem ou, pelo menos, não serem afastadas do grupo.(21)

### **1.7 Natureza dos fatores**

A primeira questão que se coloca é se os principais fatores de risco para a vitimização são de natureza pessoal ou ambiental. Ou seja, se estes fatores têm a ver com as características intrínsecas da pessoa, físicas e psicológicas ou se têm mais a ver com fatores ambientais e organizacionais ou do contexto social onde se inserem.

Tem existido um largo consenso de que o bullying é um fenómeno social complexo que resulta de uma associação entre variáveis intra e interindividuais: as características individuais que estão relacionadas com o bullying são influenciadas em conjunto por uma variedade de sistemas ecológicos, incluindo as relações entre pares. (2)(22)(23)

Por outro lado, vários estudos indicam que quem sofre de bullying no trabalho também já sofreu previamente de bullying na escola, resultados estes que foram iguais para homens e mulheres. (2) Assim, sugere-se que os fatores de continuidade do risco de vitimização estejam mais relacionados com o atributos individuais do que com fatores ambientais e organizacionais. Ainda segundo um estudo longitudinal, o aumento do risco de vitimização tem a ver principalmente com características individuais e pessoais (obesidade, baixa auto-estima, pais demasiado protectores) e a um menor grau de contextos sociais (baixa posição social, baixo estatuto sócio-económico). (2)

Ainda noutra perspetiva, um estudo longitudinal realizado com gémeos descobriu algumas discordâncias. Em primeiro lugar, parece que muita da variação da vitimização resulta do estar exposto a ambientes de risco, e não ao produto das características hereditárias das vítimas. Em segundo lugar, muitos adolescentes que crescem nas mesmas casas e na mesma vizinhança estão expostos de maneira diferente à vitimização.(6)

Um grande número de estudos tem-se focado nos preditores individuais em vez de nos preditores contextuais de bullying. No entanto, o bullying ocorre num contexto social e é influenciado por características individuais da criança e pelas características contextuais do ambiente onde se encontra. Assim, examinar o impacto das características individuais à parte das influências contextuais, oferece uma visão limitada do bullying, realçando as qualidades pessoais em vez dos fatores contextuais que facilitam os incidentes de bullying. (7)(24)

Muito provavelmente todos estes fatores de risco influenciam-se e reforçam-se uns aos outros. (2)

Assim, ao longo do presente artigo, dar-se-á importância a todo o tipo de fatores, tendo o objetivo principal de os identificar e não de avaliar a sua importância no processo de vitimização.

## **2. Metodologia**

Para a presente investigação, foram utilizados artigos pesquisados através das plataformas PUBMED, MDPI, RCAAP, REPOSITORIO UL e SCIELO. Tendo em conta a grande

quantidade de estudos encontrados, foram selecionados artigos publicados a partir de 2010 com as seguintes palavras-chave em inglês: *bullying, cyberbullying, victim, predictors, victimization, target, personality*. De notar que as mesmas também foram utilizadas em português.

De entre os artigos pesquisados, foram utilizadas revisões, estudos transversais, estudos longitudinais e estudos de caso-controlo. Também foi utilizado um livro de texto para complementar o tema.

Tendo em vista o problema de causalidade já referido, inicialmente foi dada primazia ao uso de estudos longitudinais face aos transversais, visto que permitem uma compreensão mais profunda acerca da relação entre as variáveis observáveis. No entanto, as evidências resultantes apenas de estudos longitudinais são escassas, pelo que se tornou necessário a inclusão de estudos transversais no sentido em que os estudos longitudinais poderiam corroborar as conclusões dos restantes estudos.

### **3. Bullying tradicional**

Em relação ao bullying tradicional, alguns investigadores têm argumentado que o poder diferencial, ou seja, a relação de desigualdade de poder e de força entre a vítima e o agressor, é o fator central que diferencia o bullying de outros tipos de vitimização pelos pares, incluindo o cyberbullying. (25)(26)(27)

Dentro deste tipo de bullying, existe ainda o **bullying direto**, como intimidações, atos abusivos e violência direta, e o **bullying indireto**, como espalhar rumores, manipulação de amizades e exclusão social. (26)

De notar ainda que a maioria dos estudos analisados relativamente ao bullying tradicional foram realizados em contexto escolar.

#### **3.1 Fatores de vitimização**

##### **3.1.1 Género:**

É provável que o bullying esteja diretamente relacionado com questões de sexualidade e de género, quer seja pela tentativa de ganhar estatuto entre os pares do mesmo sexo ou do sexo oposto; pelo bullying que cruza géneros como uma tentativa imatura de envolvimento romântico; ou por ter como alvo jovens baseando-se na orientação sexual real ou percecionada. O género frequentemente está por detrás de decisões acerca de

quem, porque e como agredir, estando associado a outras variáveis, como o sentimento de pertencer a um grupo social e a uma escola. (13)(28)(29)

Vários tipos de estudos sugerem que os rapazes têm maior tendência em ser quer *agressores* quer *vítimas* de bullying, especialmente na sua expressão física, uma vez que sendo mais propensos a sentir raiva, acabam por ser mais provocadores e instigadores à violência, ou seja, bullying direto. Por outro lado, as raparigas, apesar de sofrerem menos vitimização, têm maior probabilidade de se envolverem em situações de bullying indireto.(4)(6)(7)(17)(27)(29)(30)(31)

Contrariamente, outros estudos concluíram que os traços femininos estão mais relacionados com a vitimização dos que os traços masculinos, indicando maior risco de vitimização das raparigas. Apesar destes resultados, na mesma linha de raciocínio dos artigos anteriores, as raparigas tendem a usar formas menos evidentes de agressão, como rumores e comentários pejorativos. Estes estereótipos revelam as estratégias usados pelos diferentes géneros para garantir um lugar proeminente no grupo e nas relações entre os pares. (5)(19)(28)(29)(31)(32)

No entanto, outros estudos não encontraram diferenças de género para a vitimização do bullying tradicional e, quando encontraram, não foram significativos.(29)(33)

Assim, é possível assumir riscos relativamente similares de vitimização para rapazes e raparigas, embora com mais tendência para assumir os rapazes como em maior risco.

É ainda sugerido que as diferenças entre o género feminino e masculino em relação ao bullying estejam no tipo de agressão praticada, como já referido, e não tanto na frequência deste tipo de comportamentos. (22)

### 3.1.2 Idade:

Considera-se que o bullying físico é mais frequente nos anos de escolaridade iniciais e tende a diminuir com o aumento da idade. (22) O estatuto é um objetivo relacionado com a idade, visto que se torna uma prioridade na adolescência precoce, principalmente durante a transição da escola primária para os anos seguintes devido à importância de se encaixar no novo contexto e de obter ou manter uma posição dominante no grupo de pares.(23)

Estudos mostraram que a vitimização tem um pico no final da escola básica (até ao 9º ano) mas diminui a partir daí (embora alguns refiram que seja um pouco mais tarde, no 11º e 12º anos). (20) Um possível explicação é a de que as capacidades sociais das vítimas

melhoram à medida que envelhecem, sendo que os alunos mais velhos, de final de 3º ciclo e secundário, exibem formas de agressão de carácter mais relacional e indireto, o bullying verbal e social. (2)(5)(7)(19)(20)(22)(26)(34)

Além disso, é possível que as vítimas de bullying retornem a um estado imaturo e tenham sintomas de somatização devido a dor emocional, tendo um estudo transversal mostrado que as classes mais novas com mais sintomas de somatização têm maior probabilidade de sofrerem de bullying, o que é consistente com os dados apresentados.(9)

### 3.1.3 Auto-estima:

A identificação de fatores que afetam a auto-estima é essencial visto que a auto-estima afeta a competição, a capacidade social, a atração, a realização, a ajuda e o *coping* de eventos de vida stressantes. (18)

As vítimas são geralmente descritas como tendo baixa auto-estima e pensamentos negativos sobre si próprias. Devido às baixas capacidades sociais e baixos níveis de ajustamento, parece plausível que seja um fator de risco de vitimização. (2)(7)(31)(35)

No entanto, não é muito claro se a baixa auto-estima é um fator de risco para o bullying ou uma consequência da vitimização, mas vários estudos, incluindo longitudinais, indicam que a baixa auto-estima é um fator de risco. O mecanismo pode ser que sofrer de bullying danifica a auto-estima, o que pode tornar mais difícil de gerir o “gozo” e o bullying pelos pares.(2)(27) Além disso, o sentimento de inferioridade pode levar a bloqueios cognitivos e a descrença quanto às suas capacidades, o que dificulta a integração da criança na escola, uma vez que este é um local de novos relacionamentos interpessoais importantes. (15)

Assim, a baixa auto-estima pode ser um preditor de vitimização e, ao mesmo tempo, uma consequência.

### 3.1.4 Problemas emocionais e capacidade social

Num ambiente presencial, como é o caso do bullying tradicional, os problemas emocionais afetam muito diretamente a capacidade social. Assim, faz sentido falar simultaneamente dos dois.

Vários estudos, entre eles longitudinais, têm demonstrado que problemas emocionais prévios (ansiedade, depressão) aumentam o risco de vitimização. Crianças e adolescentes ansiosos e deprimidos podem enviar sinais de dificuldades em serem capazes de negociar conflitos ou marcar uma posição, sem capacidade de se defenderem a si próprios e, assim,

serem vistos como alvos fáceis para ameaças e abusos por parte dos seus pares. (7) (9)(16) (36)(37)(38)

As dificuldades sociais e emocionais podem contribuir para a vitimização ao prejudicar a regulação do comportamento e a auto-estima, sendo que a vitimização pode, por sua vez, tornar-se numa causa significativa de stress emocional e de isolamento social. (7) (33) (36)(38)

Além disso, quanto aos fatores protetores de vitimização, um estudo longitudinal assinala a escassez de problemas como a ansiedade(16), sendo que estudantes com capacidades de controlo emocional (controlar o seu temperamento quando alguém está zangado consigo), têm menor probabilidade de vitimização.(33)

Alguns resultados sugerem ainda um ciclo complexo de relação entre problemas emocionais e experiências de bullying (38), pelo que também estes problemas podem ser uma causa e uma consequência do bullying.

#### 3.1.5 Problemas de comportamento:

Alguns estudos, incluindo longitudinais, indicam que sintomas de défice de atenção e hiperatividade, que levam a uma falta de foco e dificuldade em controlar impulsos, foram associados a um aumento do risco de vitimização pelo bullying tradicional.(9)(39)

Temperamento não controlado está fortemente associado ao papel de agressor, assim como ao papel de vítima tradicional.(40) Por outro lado, estudantes com um forte sentido moral que tendem a fazer “o que está correto” (ex: não está certo bater em alguém se essa pessoa começar uma briga) devem ter menos probabilidade de vitimização. (33)

Apesar destes dados estarem relacionados com a vitimização, pode existir uma certa confusão por, naturalmente, não associarmos estas características a uma vítima. Assim, provavelmente estarão mais relacionados com outro tipo de *vítimas*, as ***vítimas-agressoras***, as quais serão abordadas mais à frente.

#### 3.1.6 Capacidade cognitiva:

Pesquisas indicam que os jovens com doença do espectro do autismo (DEA) sofrem mais exclusão social, têm mais probabilidade de sofrerem de bullying verbal e físico e de vitimização repetida e, relativamente à população normal, têm maior probabilidade de ter colegas na classe “que não gostam deles”. (11)

Devido à natureza das suas incapacidades (dificuldade na comunicação social e interesses restritos), indivíduos com DEA têm significativamente menos relações recíprocas com os seus pares.

Adolescentes com défice cognitivo também têm reduzida participação em atividades sociais, menos amizades e altos níveis de solidão, assim como taxas significativamente mais altas de vitimização. Estes défices de amizades podem contribuir para aumentar as taxas de vitimização, além de outros problemas. (7)(11) Também crianças com QI mais alto têm menos probabilidade de serem vítimas nos primeiros anos da escola primária. (41)

Os maiores preditores de vitimização destes grupos são as baixas capacidades sociais e problemas de comportamento, assim como problemas emocionais.(11)

### 3.1.7 Empatia:

Os achados de um estudo transversal indicam que adolescentes que foram frequentemente vitimizados têm níveis mais altos de empatia com outras *vítimas*. Este estudo apoia a ideia de que pessoas com baixo estatuto na hierarquia social, como as *vítimas* de bullying, podem estar moralmente sensibilizadas a assuntos de injustiça e desigualdade. As *vítimas* não parecem ter problemas em empatizar com outras *vítimas*. (42)

No entanto, é possível que estes jovens criem empatia em relação a outras *vítimas* por saberem o que sofreram, sem que isso seja considerado um fator preditor de vitimização. Além disso, os dados acerca deste fator são escassos e não têm nenhum estudo longitudinal que os possa apoiar.

### 3.1.8 Aparência física:

Aparentemente, qualquer desvio da norma física pode aumentar o risco de vitimização. (26)(43)(44)

Durante os períodos de mudança da adolescência, a aparência corporal pode tornar-se um componente importante da auto-estima, saúde psicológica e vontade de fazer parte de atividades sociais. Alguns estudos, entre eles longitudinais, indicam que ser vitimizado pode ser associado à imagem que alguém tem dessa pessoa ou a própria imagem que a vítima tem de si, visto que uma parte importante do desenvolvimento da identidade é interligado com a imagem corporal. Adolescentes que procurem estar em grupos de pares desejáveis podem ser confrontados com preocupações acerca dos seus tamanhos e aparências corporais. (26)(30)(36)(43)(45)(46)

Adolescentes com excesso de peso têm um mal-estar psicológico e mais sentimentos depressivos, o que os pode colocar em maior risco de sofrer de bullying e afetar as suas perceções do gozo das pessoas. Logo, podem ser as consequências psicológicas do excesso de peso, e não apenas o excesso de peso, que podem aumentar o risco de vitimização.(26)(43)

Além disso, a procura de atividades sedentárias está relacionada com a dificuldade que têm em estabelecer relações, com a rejeição e com a ansiedade das crianças que sofrem de humilhações. Assim, preferem atividades solitárias, como ver televisão, jogar jogos de vídeos ou ficar horas em frente ao computador(30), pelo que o excesso de peso também pode ser incentivado pelas consequências que advêm do bullying e ser, por isso, considerado uma consequência do bullying.

#### 3.1.9 Capacidade motora:

Os resultados de um estudo longitudinal indicam que jovens com menos capacidades motoras estão mais predispostos à vitimização. Crianças com mais capacidades motoras podem receber mais feedback social positivo e reconhecimento pelos pares, o que provavelmente melhora a sua auto-imagem e a sua popularidade entre os pares. Baixas capacidades motoras levam a uma má performance quer em jogos individuais quer de grupo, o que pode reduzir o sentido de competência das crianças. Por sua vez, isto reduz o sucesso entre os grupos de pares e pode aumentar a probabilidade de vitimização.(10)

#### 3.1.10 Estatuto social e amizades:

As amizades são importantes na adolescência, possivelmente conferindo alguma proteção contra o bullying, visto que um amigo pode ter várias funções, incluindo segurança emocional, aconselhamento e validação. Potencialmente, podem aumentar a auto-estima e as capacidades sociais. (28)

O bullying está relacionado com o estatuto social dentro do grupo, sendo que baixos níveis de preferência social e de popularidade, como rejeição e isolamento pelos pares, estão associados a um aumento do risco de vitimização. Também vítimas com pouca capacidade de resiliência tendem a não se adaptar ao stress e a relações interpessoais instáveis que levam à rejeição pelos pares. Além disso, um número mais pequeno de amigos pode conferir menos proteção contra o bullying. No entanto, e apesar destes argumentos serem apoiados por estudos longitudinais, é possível que o baixo estatuto social também seja uma consequência do bullying. (7)(9)(26)(27)(35) A popularidade



reflete dominância e, por isso, pode ser fácil para uma criança ou adolescente popular agredir outros que sejam pouco populares sem medo de serem sancionados pelos pares. Consequentemente, o bullying pode ser uma forma de manter o alto estatuto.(26)

#### 3.1.11 Ambiente escolar e desempenho acadêmico:

Um estudo transversal indica que adolescentes com maior ligação à escola e com pais que também têm maior ligação à escola, têm menor risco de vitimização.(19)

Alguns fatores, a nível da escola, estão associados a um maior envolvimento em comportamentos de risco para a saúde, como o bullying. Um contexto escolar caracterizado por escolas grandes, mau ambiente escolar (com a sensação dos estudantes não pertencerem à escola e o desrespeito do tratamento dos alunos pelos trabalhadores da escola), altas taxas de problemas de comportamento, grande concentração de estudantes pobres e elevado ratio de estudante-professor estão ligados a um rol de consequências problemáticas para os adolescentes, incluindo o envolvimento no bullying.(24)(33)(38)(47)

Estudos indicam que as *vítimas* têm resultados escolares mais fracos. No entanto, a natureza transversal dos estudos não pode excluir que o bullying pode levar a stress mental, o que pode afetar o desenvolvimento académico. (2)(22)(26)(27)(48) Além disso, outros estudos não confirmam o mau desempenho académico como fator de risco de vitimização.(2)(33)

#### 3.1.12 Estatuto sócio-económico:

Adolescentes de baixo estatuto sócio-económico estão em maior risco de sofrer de bullying. Um explicação pode ser que crescer numa família de baixo estatuto sócio-económico pode ser associada a mais stress na forma de desemprego, divórcio, doenças e mudanças frequentes na estrutura da família, o que pode afetar as capacidades adaptativas das crianças, mais uma vez possibilitando o aumento do risco de vitimização. (6)(9)(10)(26)

Crianças de famílias de baixo estatuto sócio-económico têm maior probabilidade de sofrerem de depressão e de défice de atenção e hiperatividade e tal psicopatologia é a causa e consequência de bullying, causando um ciclo vicioso.(9)

No entanto, outros estudos demonstraram resultados opostos, o que mostra que o problema do bullying tem o potencial de afetar diferentes classes sociais. (27)(30)

### 3.1.13 Ambiente familiar:

Estudos demonstraram associações entre um aumento do risco da vitimização e de pertença a uma família caracterizada por um estilo punitivo, conflituoso (conflitos conjugais e conflitos pais-filhos), de pouca ajuda, maus-tratos, baixos rendimentos da família e experiência de problemas com vizinhos. Também aumenta o risco se forem pais autoritários, que raramente valorizam os seus filhos e tendem a não lhes dar uma oportunidade de falar por eles próprios. (2)(4)(7)(9)(12)(35)(36)(47)(49)(50)

Por outro lado, pais demasiado protetores também podem constituir um fator de risco pois não deixam resolver os conflitos entre os pares por eles próprios e podem contribuir para o despoletar do bullying. No entanto, a direção causal também é incerta, visto que os pais demasiado protetores podem ser uma consequência do bullying.(2)

Vários estudos, incluindo longitudinais, indicam que características contextuais de família, como o carinho por parte dos familiares e uma atmosfera positiva em casa, assim como ter pais casados e a viver juntos, podem ser considerados como promotores de resiliência na vitimização ao proteger as crianças de consequências negativas da vitimização. Assim, a ligação à família é um fator protetor significativo contra a vitimização, possivelmente porque as crianças têm maior probabilidade de denunciar o bullying aos pais em quem confiam e com quem têm uma ligação próxima. (12)(27)(50)

### 3.1.14 Vitimização prévia e/ou permanente:

A vitimização tem probabilidade de persistir para uma proporção significativa de crianças, o que indica que, pelo menos para alguns alunos, a vitimização não é apenas o resultado de fatores situacionais associados a um ambiente particular de sala de aula, mas também é afetado por traços individuais que aumentam a vulnerabilidade em diferentes ambientes sociais.(34)(47)(50)(51)

A vitimização é um fenómeno altamente estável devido às relações cíclicas entre as causas e as consequências da vitimização. As crianças que permanecem no papel de *vítima* tendem a ser mais solitárias que as *vítimas* transitórias e a terem menos amigos na escola. Têm mais problemas emocionais e impulsivos e baixa auto-estima, o que é expresso pela procura constante da ajuda dos outros e em exibir interações disfuncionais que falham em reagir a situações do ponto de vista social, aumentando o risco de vitimização. Além disso, crianças que têm falta de amigos têm menor probabilidade de receber apoio que os possa ajudar a escapar da vitimização e a superar as consequências psicológicas da vitimização prolongada.(16)(47)(51)(52)

Também foi identificado como fator preditor da estabilização da vitimização a vitimização pelos irmãos/parentes. Estas crianças devem possuir traços individuais ou padrões aprendidos de interação com os seus irmãos, que os tornam alvo de vitimização em diferentes contextos.(47)

Tem sido demonstrado que as *vítimas* crónicas de bullying fazem uso de estratégias de coping inefetivas ao envolverem-se em incidentes de bullying, incluindo estratégias de afastamento que atrapalham a formação de novas amizades, criando, por isso um ambiente que perpetua os comportamentos negativos contra eles. Estas podem desenvolver-se como o resultado da experiência de vitimização dentro da família e/ou ao ter uma relação parental negligente, a qual pode levar crianças a isolarem-se ou a reagirem agressivamente contra os seus pares, além de desenvolverem deficientes estratégias de coping e baixas capacidades sociais devido à falta de resolução de problemas dentro da família. Também se começam a sentir com falta de esperança e começam a acreditar que não podem fazer nada para travar o bullying, o que pode levar a um ciclo vicioso, impedindo efetivamente as vítimas de cessarem o processo de vitimização.(2)(47)(52)

Quem sofre de bullying persistentemente é caracterizado por um grau mais elevado de mau desempenho escolar. Uma possível explicação é a de que a vitimização persistente tem um efeito direto, causal e de detrimento no desempenho escolar. No entanto, neste caso não foi possível estabelecer relações causais. Outros fatores de risco detetados foram ter pais divorciados, baixo nível de educação parental, baixo estatuto sócio-económico e IMC alto.(26)

Estes achados demonstram como pode ser difícil para os estudantes mudarem o seu estatuto dentro do grupo de colegas uma vez que tenham sido previamente vitimizados. Muitos destes estudos consideram ser este o fator preditor mais forte para a vitimização. Estas evidências existem quer para adolescentes que sofreram de prévia vitimização nos primeiros anos de escola quer para adultos que sofreram de prévia vitimização na adolescência. (2)(6)(7)(12)

### **3.2 Vítimas-agressoras**

Há ainda que sublinhar a existência de determinadas *vítimas* de bullying que são chamadas *vítimas-agressoras*, sendo vítimas e agressoras ao mesmo tempo, o que lhes confere um papel diferente e, eventualmente, características pessoais diferentes. (7)(34)

Enquanto que as crianças que exibem sintomas internalizantes (ansiedade, depressão) podem ser vistas como “alvos fáceis”, é o comportamento externalizante – particularmente a agressão – que tem sido consistentemente identificado como um dos preditores mais importantes da vitimização pelos pares. As crianças agressivas podem tornar-se vitimizadas devido ao seu comportamento ter propensão para irritar e provocar potenciais agressores, os quais podem sentir que o seu comportamento é justificado.(53) *Vítimas-agressoras* são tipicamente descritas como as mais agressivas e disruptivas no fenómeno do bullying. Além disso, são ansiosas, emotivas, com um temperamento muito acentuado, com défice de atenção e hiperatividade. Alguns estudos indicam que as *vítimas-agressoras* têm estas reações como resultado de terem dificuldades em regular o seu comportamento.(34)(41)

Estudos concluíram que as *vítimas-agressoras* têm os níveis significativamente mais baixos de empatia e de auto-estima, têm baixas competências sociais, baixas capacidades cognitivas, não têm capacidades de resolver adequadamente problemas sociais, têm maus resultados académicos, são mais rejeitadas e isoladas pelos pares e têm ligações mais inseguras com os pais. (7)(32)(35)(36)(42)

Conclui-se, então, em consistência com outros estudos, que as vítimas de bullying podem ser divididas em 2 grupos: *vítimas passivas*, que são “fracas”, menos populares e têm pouca confiança e *vítimas provocativas*, que são ativas e facilmente se “chateiam”.(9)

#### **4. Cyberbullying**

Com o emergir e a crescente utilização de meios de comunicação por meio de tecnologia digital, não é possível deixar de fora o fenómeno de cyberbullying, o qual pode ser definido como “o uso de tecnologias digitais a fim de se envolver de forma repetida em comportamento hostil, maldoso e agressivo que intencionalmente magoe ou prejudique outra(s) pessoa(s)”.(4)(21) O cyberbullying mais frequentemente toma a forma de mensagens ameaçadoras ou agressivas ou comentários odiosos transmitidos via email, mensagens de texto ou através das redes sociais. Pode também envolver o aproveitamento da identidade online de outra pessoa, a disseminação de informação pessoal ou imagens intimidatórias e ainda a remoção de redes sociais.(49)(54)

De notar que o local mais frequente de cybervitimização é nas redes sociais (20), mais especificamente no facebook.(55)

#### **4.1 Prevalência**

Diversos estudos procuram apurar o número de crianças e adolescentes envolvidos no cyberbullying. Contudo, as conclusões diferem de estudo para estudo, dadas as variações quanto a, por exemplo, à metodologia usada na investigação (diferenças nas definições, na dimensão das amostras, nos grupos etários estudados, nos instrumentos utilizados para aferir os comportamentos de bullying, no contexto cultural, etc.). A prevalência da vitimização por cyberbullying regista uma incidência muito díspar na Europa, com percentagens a variar entre 1% e 50%. Na maioria dos estudos, porém, e com poucas exceções, a prevalência verificada foi de cerca de 10%.(14)(44)(56)

Quanto à situação portuguesa, os resultados de um estudo transversal demonstraram que 10,1% da amostra admitiu ter sofrido de cyberbullying pelo menos uma vez. (15) Neste ponto, destaca-se que as crianças portuguesas são as líderes europeias ao nível do acesso à Internet através de computadores portáteis, fazendo com que o nosso país apresente uma das médias mais altas na Europa em termos etários para o primeiro uso da Internet: 10 anos idade.(57)

Outro achado preocupante foi de que a maioria das vítimas não fala com um adulto acerca do cyberbullying. (15)(16)(20) As vítimas de cyberbullying sentem-se mais retraídas em contar aos adultos. Por um lado, não há marcas físicas que possam denunciar a situação. Por outro, têm receio que lhes possa ser retirado o computador ou o telemóvel. (15)

Visto que este fenómeno ocorre de uma forma “silenciosa” e tendo em conta a idade cada vez mais precoce de utilização de meios tecnológicos, especula-se uma tendência para o aumento da prevalência do cyberbullying, o que justifica a importância de identificar potenciais vítimas.

#### **4.2 O que difere do bullying tradicional**

Os websites sociais, especialmente as redes sociais, oferecem uma grande variedade de opções que fazem face às necessidades dos adolescentes e que os jovens podem utilizar para superar as tarefas de desenvolvimento, que encontram durante a adolescência, como a gestão da identidade, ao fornecer aspetos da própria personalidade através da criação de perfis em redes sociais, e das amizades, fazendo novos contactos e mantendo os que já existem.(14)

Comparando com o bullying tradicional, o cyberbullying tem alguns fatores específicos que podem motivar a sua prática e/ou intensificar os seus malefícios (4)(16)(17)(21)(35)(44)(48)(54)(56):

- a) É necessário um determinado grau de capacidade de utilização de tecnologias;
- b) Os *cyberagressores* podem ter um nível mais alto de anonimato;
- c) O ato de bullying no cyberspaço ocorre tipicamente quando o *agressor* e a *vítima* estão fisicamente distantes;
- d) O cyberbullying não causa dano físico, tornando as suas consequências menos visíveis, e as mensagens ou e-mails maldosos podem ser facilmente e rapidamente apagados;
- e) É difícil fugir ou evitar o cyberbullying, uma vez que o ambiente digital acompanha sempre a vítima;
- f) A audiência pode ser substancialmente maior;
- g) Vitimizar os outros online não requer grande poder, sendo que pode ser exercido por qualquer jovem, independentemente da sua posição social ou popularidade na escola.

No entanto, alguns autores afirmam que os critérios de *desequilíbrio de poder* são significativos para o cyberbullying se forem entendidos como “diferenças na capacidade de utilização das tecnologias entre autores e vítimas, anonimato relativo, estatuto social, número de amigos ou posição de grupo marginalizado”(17)(48). Ainda o facto de o *agressor* não ver de imediato os efeitos dos seus atos sobre as *vítimas*, pode minimizar ou mesmo anular eventuais sentimentos de arrependimento, remorso ou empatia para com a vítima, podendo levar a um aumento do grau de crueldade das suas palavras ou atos, mais do que seria de esperar no bullying tradicional. (21)

Assim, dados estes aspetos diferentes entre os comportamentos, é provável que as repercussões vivenciadas por jovens vítimas de cyberbullying assumam uma carácter mais grave e insidioso, podendo despoletar sintomas de saúde mais intensos, perturbadores e de maior risco físico, psicológico e social.(21)

### 4.3 Motivação

Em termos de motivação para a prática do cyberbullying, este afeta desproporcionalmente jovens que já são vulneráveis a problemas de saúde mental e comportamental, incluindo membros de minorias sexuais (gays, lésbicas, bissexuais) e minorias raciais e étnicas. (55) Outras motivações encontradas foram os ciúmes, a rejeição, o término de namoros, o

tédio, para fazer os *cyberagressores* sentirem-se bem com eles próprios, para experimentarem diferentes personalidades e para procurar aprovação. Adicionalmente, os adolescentes mencionaram a falta de consequências e de confrontos como razões de praticarem cyberbullying.(15)(44)

Outra das possíveis teorias que podiam explicar o cyberbullying é o desejo e a busca de vingança por parte de pessoas agredidas. O cyberbullying pode ser consequência ou ser motivado pela vingança, sendo que vários estudos demonstram uma correlação entre a cyberagressão e a cybervitimização, o que sugere que uma boa parte das vítimas de cyberbullying são também agressoras, sendo esta a razão mais citada para cometer cyberbullying sobre alguém.(16) Esta questão será abordada mais à frente.

Tendo em conta as considerações evidenciadas, é natural que os preditores de cybervitimização sejam mais difíceis de identificar. Existe um potencial para se poder atacar qualquer pessoa, visto a questão do poder diferencial não ser tão limitativa. Além disso, o cyberbullying é um fenómeno altamente complexo que pode, na maioria das vezes, estar vinculado ao bullying tradicional, como veremos mais à frente.

#### **4.4 Fatores de vitimização:**

##### **4.4.1 Género:**

O género está entre os preditores mais importantes da classificação de grupos,(35) embora exista quem defenda que o género é uma variável com pouco valor preditivo e que é frequentemente irrelevante nos dois tipos de bullying (cyber e tradicional). (58)

O que se verificou mais frequentemente nas pesquisas, foi que o envolvimento no cyberbullying, incluindo a exposição à vitimização, é mais comum entre as raparigas. (4)(5)(6)(16)(19)(20)(33)(35)(38)(44)(48)(55). Uma possível explicação pode ser por terem maior probabilidade de praticar bullying noutras raparigas a um nível emocional através de meios indiretos, onde conseguem permanecer anónimas para não pôr em perigo a proximidade e a intimidade no seu grupo de colegas, o que é geralmente mais importante para raparigas do que para rapazes. (19) Ainda pode ser explicado pelo facto de que as raparigas passam mais tempo online em comparação com rapazes.(38)

Outro conjunto de estudos aponta para a inexistência de diferenças entre os sexos ou, pelo contrário, para um maior envolvimento dos rapazes do que das raparigas. A razão mais frequentemente apontada para estas diferenças tem a ver com os tipos de indicadores e

com definições diferentes de cyberbullying que são utilizados nos questionários.  
(14)(15)(17)(18)(56)(58)(59)

#### 4.4.2 Idade:

No que diz respeito à idade das vítimas, neste momento a importância deste fator não apresenta resultados claros. Existe muita variação de resultados, no entanto, no geral, as idades de maior risco aparentam ser entre os 10/12 anos e os 14/16 anos (5)(14)(15)(56), sendo que este padrão de idade encaixa bem com as mudanças psicológicas e fisiológicas relacionadas com a turbulência da puberdade.(56) Outros indicam ainda taxas de vitimização em idades mais tardias, entre os 16 e os 18 anos. (14)(20)

O grupo de idade mais nova, por volta dos 12 anos, pode ainda não ter descoberto esta forma de bullying e ter um acesso limitado aos telemóveis e computadores. (5)(56) Existe, porém, a preocupação real de que o cyberbullying comece a manifestar-se ainda mais cedo, devido ao facto de as crianças começarem a utilizar os telemóveis e a Internet em idade cada vez mais jovem.(14)

#### 4.4.3 Auto-estima:

Em alguns questionários realizados, uma percentagem das *vítimas* sentiu-se culpada. Considerando que o cyberbullying afeta especialmente a autoestima, não podemos descartar a hipótese de que a *vítima* pode ser levada a acreditar que é aquilo que o *agressor* diz e, desta forma, levar a um sentimento de culpa alimentado pela insegurança e pela baixa auto-estima.(15)(31)

Segundo estudos transversais, as *cybervítimas* são indivíduos que dispõem de uma auto-estima reduzida e elevados problemas emocionais, caracterizando-se pelo sentimento de incompetência, perceção de inadequação e tendência para uma maior dificuldade em superar desafios. Além disso, uma auto-estima mantida foi associada como fator protetor. (16)(31)

No entanto, não foi possível inferir a relação causal deste fator, não podendo garantir se se trata de uma causa ou de uma consequência.

#### 4.4.4 Capacidades sociais:

Alguns estudos mostram que poucas capacidades sociais estão associadas a sofrer de cyberbullying, particularmente quando os jovens também sofrem de baixa auto-estima.



(49) As crianças podem usar a internet para compensar a sua falta de capacidades sociais e as suas dificuldades nas relações interpessoais.(9)

No entanto, além dos escassos resultados acerca deste fator, não foi possível inferir uma relação causal.

#### 4.4.5 Controlo emocional:

Vários estudos, incluindo longitudinais, demonstram ter encontrado um preditor para a cybervitimização em adolescentes, o controlo emocional. O controlo emocional (ex: a capacidade de alguém controlar o seu próprio temperamento quando outra pessoa está zangada) foi identificado um fator protetor para a cybervitimização. Ter capacidades para controlar emoções no cyberspaço pode ser particularmente importante dada a velocidade com que a informação pode ser trocada; isto é, a capacidade de não retaliar com raiva, medo ou tristeza por sofrer de bullying pode reduzir o estímulo para a atuação do bullying. (33)(35)(49)

#### 4.4.6 Empatia:

Os resultados obtidos de um estudo transversal sugerem que as *cybervítimas* se caracterizam como tendo níveis superiores de empatia. Assim, as vítimas poderão ser caracterizadas como indivíduos sensíveis e honestos, com um elevado nível de integridade e capacidade de se colocar no papel do outro, mais altruístas e solidários. (31)

Tendo em conta que um dos motivos dos agressores para agredir será o não gostarem das vítimas, a empatia pode funcionar aqui como um fator de irritação, sem que no entanto se possa inferir uma clara relação causal.

#### 4.4.7 Aparência física

Segundo um estudo transversal, adolescentes obesos têm maior probabilidade de sofrerem de cybervitimização. Estes têm fatores de risco mais importantes para a cybervitimização, como a vitimização pelo bullying tradicional e maior uso do computador e da internet do que os adolescentes de peso normal. No entanto, estas conclusões não estão de acordo com outros estudos, possivelmente devido a diferenças nas amostras e nos métodos.(45)

#### 4.4.8 Estatuto social e amizades:

Há estudos que indicam que as cybervítimas são menos populares e mais rejeitadas pelos pares, (35), sendo o suporte social dos pares associado a baixas taxas de vitimização pelo cyberbullying.(33)

No entanto, não foi possível inferir uma relação causal.

#### 4.4.9 Ambiente escolar e desempenho académico:

Os jovens com mau ajustamento ou más atitudes face à escola podem ter um aumento do risco de cyberbullying. A má ligação à escola pode afetar o seu desempenho académico e medo de ambientes escolares, o que pode exacerbar a atração percebida pelos *agressores* baseada na sua marginalização face à escola. Assim, não é de admirar que exista uma clara relação negativa entre o ajustamento à escola e a vitimização. Além disso, um fator protetor à cybervitimização é o clima escolar, o qual é vital na prevenção quer da agressão no bullying tradicional quer da agressão no cyberbullying. (5)(16)(38) A natureza longitudinal de um dos estudos sugere uma possível relação causal. (38)

#### 4.4.10 Estatuto sócio-económico:

Estudos demonstraram que crianças inseridas em famílias com menos privilégios têm maior probabilidade de serem viciadas em internet.(9) Um estudo longitudinal demonstrou que os participantes de um baixo estatuto sócio-económico mostraram-se propensos a estar envolvidos em fenómenos de vitimização.(6)

#### 4.4.11 Ambiente familiar:

Os resultados de um estudo transversal deparam-se com uma fraca ligação das *cybervítimas* com a família. (15) Por um lado, o facto de serem alvo de violência por parte dos pares pode gerar na criança o sentimento de que contar aos pais não vai resolver nada. Com o tempo, a percepção pode tornar-se mais grave, distanciando a criança e levando-a a crer que existe uma comunicação deficiente entre os membros da sua família e que os problemas têm de ser resolvidos por ela mesma. O maior conhecimento parental acerca do comportamento online dos seus filhos está associado a baixas frequências de cybervitimização. (5) (15)(38)

Pesquisas indicaram que as crianças que têm um relacionamento difícil com os pais, devido à existência de conflitos (no caso das raparigas) e má comunicação (no caso dos rapazes), se envolviam com mais frequência em amizades íntimas online. Estes

relacionamentos íntimos eram passíveis de deixar os adolescentes expostos a uma eventual exploração.(14)

No entanto, outros estudos indicam que a proteção parental aparenta não ter efeito ou, em alguns casos, aumentar o risco de vitimização.(5)

#### 4.4.12 Dependência da internet:

Como é de esperar, os jovens que têm acesso à internet em casa e os que possuem telemóveis são os que estão em maior risco de cyberbullying, por aumento da exposição a agressores motivados.(5)(55)

Além disso, uma característica em comum entre as vítimas mais velhas e mais novas é uma taxa significativamente alta de dependência da internet. Grupos “viciados” em internet sofrem de depressão, têm baixa auto-estima e têm muito medo da rejeição. Além disso, um uso crescente da internet leva a um aumento da depressão e solidão (9)(35), o que, por si só, pode levar a um aumento do risco da vitimização, não só cyber como também tradicional.

#### **4.5 Cybervítimas-agressoras:**

É de referir que no cyberbullying também existem *vítimas-agressoras*, as *cybervítimas-agressoras*. Por um lado, as *cybervítimas-agressoras* têm níveis mais elevados de agressão offline e têm menos auto-controlo do que *cyberagressores*, sendo percecionadas como “irritantes”. Estes resultados estão em paralelo com estudos prévios de bullying tradicional que mostram que as *vítimas-agressoras* têm mais problemas de ajustamento. As *cybervítimas-agressoras* são frequentemente classificadas como *vítimas*, mas, em muitos aspetos, têm mais em comum com *cyberagressores* e diferem substancialmente das *vítimas*. (21)(35)

### **5. Sobreposição entre bullying tradicional e cyberbullying**

Algumas pesquisas feitas têm sido inconsistentes nas suas conclusões no que toca à relação entre bullying tradicional e cyberbullying. Por um lado, alguns pesquisadores argumentam que o cyberbullying é uma extensão lógica do bullying tradicional e que podemos aplicar o conhecimento de bullying tradicional ao cyberbullying. Ou seja, o bullying começa na escola e continua no “mundo virtual”. (19)(48)

Outros sugerem que, apesar de partilhar alguns fatores em comum, o cyberbullying e o bullying tradicional são, de certa maneira, tipos únicos de bullying.(19)

Existem vários estudos que demonstram existir uma sobreposição entre bullying tradicional e cyberbullying. No entanto, esta sobreposição pode ocorrer de várias maneiras: a vitimização pelo bullying tradicional pode predizer a agressão no ciberespaço e a vitimização pelo cyberbullying pode levar à vitimização pelo bullying tradicional e vice-versa.(22)(51)(60)

### **5.1 Vitimização tradicional prediz cyberagressão**

Para algumas vítimas, a Internet pode ser um local de vingança, onde podem, também elas, ameaçar e intimidar os outros para compensar o fato de terem sido agredidas pessoalmente.(61) Alguns estudos demonstraram que o cyberbullying frequentemente parece ser motivado por um desejo de vingar a vitimização offline, visto que os *cyberagressores* tendem a praticar bullying naqueles que já praticaram bullying no mundo offline e que são percebidos como mais poderosos ou mais ameaçadores na vida real. No mundo presencial, as *vítimas* são menos poderosas do que os seus agressores, mas no mundo virtual esta distância e este desequilíbrio de poder pode inverter-se. (12)(15)(16)(17)(33)(39)(40)(44)(48)(60)

Num estudo transversal, quando as *vítimas* foram questionadas acerca do que sentiram com as agressões, a maioria dos participantes admitiu ter sentido raiva, vontade de vingança e tristeza. Perante estes resultados, não será de estranhar que eles mesmos tenham também recorrido ao cyberbullying como forma de vingança.(15) Segundo alguns autores, estas *vítimas* de bullying tradicional contêm uma predisposição mais elevada para agredir, ter problemas sociais e tendem a perceber as novas tecnologias como um meio de retaliação, ocorrendo frequentemente uma inversão de papéis dos intervenientes neste fenómeno. A comunicação online cria sensações de domínio, controlo e poder que aumentam a autoestima, uma vez que no espaço virtual é possível realizar alterações no que refere à apresentação pessoal, controlar as reações dos pares e aumentar a possibilidade de aceitação perante os outros. (31)

Além disso, e como já referido anteriormente, o cyberbullying pode ser frequentemente motivado por ciúmes sexuais no contexto offline.(17)

### **5.2 Vitimização tradicional prediz cybervitimização e vice-versa**

Os dados de vários estudos variam significativamente, mas todos eles admitem existir uma sobreposição significativa entre ambas as vitimizações. De uma maneira geral, entre 30 a 80% das vítimas de bullying tradicional também sofreram de cyberbullying e entre

60 a 80% das vítimas de cyberbullying também sofreram de bullying tradicional.(4)(5)(17)(18)(20)(35)(38)(48)(51)(56)

As novas tecnologias de comunicação podem expor ao bullying novos grupos de adolescentes que não estavam expostos ao bullying tradicional e, ao mesmo tempo, providenciar novas maneiras de praticar bullying em vítimas que já sofreram de métodos tradicionais.(56) Os jovens que são alvo quer do bullying tradicional quer do cyberbullying podem representar um grupo particularmente vulnerável de estudantes vitimizados, podendo, por isso, levar a consequências mais graves.(38)(20) Quando o cyberbullying está presente, as formas verbais e relacionais do bullying tradicional foram as que tiveram maior sobreposição.(18) (20)

As *vítimas* podem não ter capacidade de se defender a si própria das ameaças online, tornando o cyberbullying um meio efetivo de um *agressor* continuar a afetar um alvo fora do ambiente escolar. Assim, a visibilidade e a atratividade de uma *vítima* aos *agressores* no mundo real parece afetar diretamente o seu risco de vitimização online.(48)(5)

Vários estudos permitiram determinar que não só os dois tipos de bullying estão muito proximamente relacionados, mas também que existe uma certa continuidade entre os diferentes papéis adotados pelos envolvidos e a frequência do seu envolvimento. Tais factos podem levar à conclusão de que podemos estar a falar de manifestações diferentes do mesmo fenómeno,(16) sendo o cyberbullying muitas vezes um sinal de alerta da ocorrência de bullying na escola.(59)

Convém realçar que um estudo indica que, enquanto o bullying tradicional parece continuar-se pelo cyberbullying, o cyberbullying não parece continuar-se pelo bullying tradicional.(60)

No entanto, estudos indicam que não foram encontradas conclusões em relação à sobreposição e defendem que a cyberagressão pode também ocorrer de forma isolada, visto que há alguns rapazes e raparigas que não atacam outros cara a cara mas atacam através de meios tecnológicos.(60)(33)(58)

Por outro lado, os vários estudos já referidos demonstraram que a transferência de papéis (agressor e vítima) do contexto físico para o virtual e vice versa é uma realidade que se tem tornado mais complexa devido à diversidade e simultaneidade dos papéis jogados nos dois contextos (físico e virtual) e à multiplicidade de tipos de bullying praticados.

## **6. Discussão - Comparação entre os fatores de cyberbullying e bullying tradicional**

Depois de toda a identificação de fatores, torna-se pertinente questionar se os preditores de vitimização são diferentes para o cyberbullying e para o bullying tradicional.

Alguns estudos têm proposto caminhos comuns, enquanto outros têm demonstrado quer as similaridades quer as diferenças quando se comparam os preditores de vitimização escolar com os de cyberbullying.(55) Também se defende que, apesar do cyberbullying e o bullying tradicional não serem fenómenos idênticos, também não são opostos, podendo-se mesmo considerar o cyberbullying como um *upgrade* do bullying dito tradicional.(21) Assim, em conjunto com os resultados dos estudos encontrados, pretende-se comparar os fatores de vitimização já identificados no presente artigo. Com tal comparação, pretende-se averiguar se estes fenómenos têm caminhos em comum e se a vitimização pelo cyberbullying acaba por ser uma forma de bullying indireto ou se, por outro lado, os dois fenómenos são independentes um do outro.

### **6.1 Género:**

De uma maneira geral, e de acordo com estudos de comparação, rapazes e raparigas reportaram níveis similares de vitimização tradicional, sendo que os rapazes tendem a ter um pouco mais de tendência a serem considerados como os principais intervenientes no bullying, quer como agressores quer como vítimas. No entanto, as raparigas têm mais probabilidade de reportar cybervitimização do que rapazes. (19)(38)

Esta variação pode dever-se ao facto dos rapazes estarem mais educados para a autonomia e para comportamentos mais diretos, enquanto as raparigas estão mais direcionadas para estabelecer relações empáticas, focando-se nas relações. Por outro lado, as normas sociais também contribuem para que as raparigas não expressem os seus sentimentos agressivos de forma direta. Ao invés disso, devem gerir a sua raiva, mágoa e descontentamento através de outros métodos mais indiretos, o que pode justificar o facto de as raparigas preferirem usar meios relacionais para infligir danos aos outros.(22)

Assim, como também já foi defendido, o envolvimento do género deverá estar mais relacionado com o tipo de bullying em si, sendo que formas de bullying tradicional direto envolverão mais frequente vítimas do sexo masculino enquanto formas de bullying tradicional indireto e de cyberbullying envolverão mais frequentemente vítimas do sexo feminino. Nesta linha de raciocínio, poder-se-á considerar o o cyberbullying como uma forma indireta de cyberbullying.

## **6.2 Idade:**

O efeito desta variável não é uniforme no bullying e cyberbullying. Apesar da probabilidade de sofrer de bullying na escola geralmente diminuir com a idade quer para rapazes quer para raparigas, principalmente a partir do ensino secundário, o cyberbullying, em certos estudos, permaneceu mais constante.(14)(19)(20)

A análise realizada ao tipo de bullying exercido e a idade dos alunos apresentou resultados significativamente diferentes para o bullying físico, psicológico, verbal e social, o que confirma que o tipo de agressão por bullying varia em função da idade dos alunos.(22)

Assim, a variação com a idade provavelmente também está mais relacionada com o tipo de bullying do que propriamente com a sua prevalência. Como já foi referido, tal pode ser explicado pelo facto das capacidades sociais das vítimas melhorarem à medida que envelhecem, sendo que os alunos mais novos exibem formas de bullying mais físico e direto, enquanto alunos mais velhos exibem formas de agressão de carácter mais relacional e indireto.

## **6.3 Auto-estima:**

Investigações demonstraram que as *vítimas* de bullying (tradicional e cyber) apresentam resultados mais baixos de autoestima,(31)(49) embora, segundo os resultados deste trabalho, a baixa auto-estima parecer ter uma menor inferência causal na cybervitimização. No entanto, estudos transversais e longitudinais indicam que é provável que a baixa auto-estima influencie a capacidade das crianças de se ajustarem a novas situações, resultando num potencial aumento da vulnerabilidade refletido no aumento da exposição à internet e/ou probabilidade de sofrerem de bullying tradicional.(35)(39)

## **6.4 Problemas emocionais e capacidades sociais**

Os estudos indicaram existirem relações entre dificuldades emocionais e/ou problemas com os pares com ambos os tipos de bullying, embora não tenha sido possível inferir relação causal entre baixa capacidade social e cybervitimização. Além disso, um estudo de comparação demonstrou que estes jovens têm maior probabilidade de sofrer de ambos os tipos de bullying (tradicional e cyber) do que apenas cyberbullying ou do que apenas bullying tradicional. No entanto, não foi possível determinar se estas dificuldades contribuem mais para o cyberbullying ou para o bullying tradicional.(38) As *vítimas* de

bullying (tradicional e cyber) também apresentam resultados mais elevados de ansiedade social.(31)

O controlo emocional foi identificado como um fator protetor para os dois tipos de bullying, embora tenha sido mais significativo para o cyberbullying.(33)

### **6.5 Empatia**

Em ambos os tipos de bullying, as vítimas foram associadas a níveis mais altos de empatia. No entanto, em ambos os casos não foi possível verificar uma relação causal entre este fator e o processo de vitimização.

### **6.6 Aparência física**

Vários estudos parecem confirmar a aparência física desfavorável como um fator de risco de vitimização pelo bullying tradicional, embora em certos casos também possa ser considerado consequência.

Jovens obesos têm, no geral, maior probabilidade de sofrerem de bullying tradicional do que de cyberbullying, embora as diferenças sejam pouco significativas. (45) Quanto à cybervitimização, é provável que jovens obesos tenham fatores de risco como a vitimização pelo bullying tradicional e maior uso do computador e da internet, pelo que os dois tipos de bullying acabam por estar relacionados.

### **6.7 Estatuto social e amizades**

Foi verificado que um baixo estatuto social e o ter poucos amigos está relacionado com ambos os processos de vitimização. No entanto, não foi possível inferir uma relação causal para a cybervitimização.(49)

### **6.8 Ambiente escolar e desempenho académico**

O clima escolar desfavorável parece ser preditor de ambos os tipos de vitimização.(33)

No entanto, estudos sugerem que a maioria dos comportamentos de cyberbullying ocorrem depois das horas escolares, quando os jovens têm mais tempo livre para usar os seus telemóveis e aceder à internet. Assim, a ligação à escola pode não ser tão protetora para o cyberbullying quando comparada ao bullying que ocorre no ambiente escolar.(33)(38)



Num estudo de comparação, foi encontrada uma maior relação causal entre mau desempenho académico e vitimização por cyberbullying do que bullying tradicional, apesar das vítimas de bullying tradicional também apresentarem maus resultados escolares. Uma possível explicação é de que a vitimização do cyberbullying reflete o caminho que, pelo menos algumas crianças, tomam em direção ao cybermundo como uma rota de escape dos problemas de desempenho académico, aumentando assim as oportunidades para a vitimização. Por outro lado, as más notas na vitimização tradicional são, mais provavelmente, uma consequência da vitimização.(39)

#### **6.9 Estatuto sócio-económico:**

Apesar de alguns estudos demonstrarem não existir diferenças quanto às classes sociais, a maioria dos estudos analisados identifica o baixo estatuto sócio-económico como sendo um fator de vitimização dos dois tipos de bullying, parecendo ter uma relação causal.

#### **6.10 Ambiente familiar:**

Estudos reportaram que ambientes familiares conflituosos e maus-tratos são fatores de vitimização de ambos os tipos de bullying.(49)

De uma maneira particular, as cybervítimas têm menor probabilidade de falar com um adulto e maior probabilidade de tentar controlar o bullying por eles próprios, o que, por sua vez, pode aumentar o risco de vitimização.(38)

#### **6.11 Vitimização prévia**

Um fator em comum encontrado para a vitimização do cyberbullying e do bullying tradicional foi o envolvimento prévio em fenómenos de bullying, quer cyber quer tradicional. (12)(20)(39)(60)

Um estudo encontrou um fator em comum para ambos os tipos de vitimização: a vitimização tradicional.(33)

Estes achados vão ao encontro dos resultados demonstrados no presente artigo acerca da sobreposição entre o bullying tradicional e o cyberbullying.

#### **6.12 Restantes fatores**

Da análise aos estudos efetuados, outros fatores foram identificados para o bullying tradicional que não foram para o cyberbullying, tais como problemas de comportamento, capacidade cognitiva e capacidade motora.

Em relação aos problemas de comportamento, foram descritos o déficit de atenção e hiperatividade, a falta de controlo de impulsos e a agressividade como os fatores comportamentais que predis põem ao bullying tradicional, colocando-se a hipótese de que poderiam estar mais associados a outro tipo de *vítima*, as *vítimas-agressoras*. No entanto, apesar dos sintomas de hiperatividade e déficit de atenção serem mais associados à vitimização tradicional(39), não se pode excluir que estes comportamentos também não possam predispor à cybervitimização, mais não seja como *cybervítimas-agressoras*, visto que as mesmas são descritas como agressivas e carecendo de auto-controlo.

Quanto à capacidade cognitiva, a sua carência é indicada como fator de vitimização tradicional na medida que estes jovens têm baixas capacidades sociais e problemas de comportamento, assim como problemas emocionais.(11) Como já constatado, as vítimas de cyberbullying também são caracterizadas pelos mesmos fatores, pelo que não se pode excluir que as baixas capacidades cognitivas predisponham à cybervitimização.

Em relação à capacidade motora, esta aumenta os níveis de popularidade entre os pares, o que serve de fator de proteção à vitimização tradicional. No entanto, ainda que não se tenha constatado uma relação causal, também se demonstrou que as vítimas de cyberbullying têm baixo estatuto social, pelo que, também para este fator, não se pode excluir a sua possível influência na cybervitimização.

## **7. Dificuldades e limitações:**

- Em relação aos estudos efetuados, há respostas a que os jovens respondem, que têm muito a ver com a sua perceção e acabam por fornecer pouca informação objetiva.
- Há muitas questões abordadas, principalmente no que toca a fatores de vitimização e a papéis representados no fenómeno do bullying, que se tocam em vários pontos, tendo sido por isso difícil de separar estes mesmos elementos de maneira a tornar o raciocínio claro e lógico. Além disso, a quantidade de fatores identificados dificultou a sua análise e a sua posterior comparação, assim como a robustez de cada um das variáveis como fatores de risco para o fenómeno da vitimização.

- Certos estudos avaliaram o bullying no geral, não tendo sido possível concluir se os resultados obtidos eram relativos apenas ao bullying tradicional ou se também ao cyberbullying.
- Foram utilizados estudos em crianças, adolescentes e adultos, não tendo sido analisado se cada um dos fatores identificados está mais relacionado com uma determinada faixa etária ou não.

## 8. Conclusão

Tendo em conta todas as análises de variáveis efetuadas, foram identificadas as com maior força e robustez para serem consideradas fatores de vitimização pelo bullying.

O **género** trata-se de um fator robusto de vitimização. No entanto, não é apenas um dos géneros que está envolvido no fenómeno, mas sim cada um dos géneros está mais propenso a sofrer de um tipo específico de bullying.

Sugere-se uma diminuição da vitimização com a **idade**, embora o bullying direto e o indireto se correlacionem muito fortemente com determinadas faixas etárias. Quanto ao cyberbullying, demonstrou-se menos robusto, não existindo uma faixa etária em que fosse claramente mais prevalente.

O **ambiente familiar**, a **vitimização prévia** e o **estatuto sócio-económico** são robustos para os dois, embora o último com alguns dados contraditórios.

A **aparência física**, a **auto-estima**, o **estatuto social**, as **capacidades cognitivas e motoras**, os **problemas emocionais** e a **ansiedade social**, parecem ser fatores robustos para o bullying tradicional, sendo que os últimos dois também se consideram como uma consequência. Para o cyberbullying não foi possível inferir uma forte relação causal, embora o controlo emocional tenha sido considerado um fator protetor robusto.

O **ambiente escolar** e o **desempenho académico** apresentaram-se robustos para o bullying tradicional (particularmente o desempenho académico) e o ambiente escolar menos robusto para o cyberbullying. No entanto, é possível que estas variáveis estejam mais relacionadas com as consequências do que propriamente com fatores de risco.

Quanto à **empatia**, demonstrou existir uma relação, embora sem causalidade.

A **dependência da internet** é, naturalmente, um fator de risco para o cyberbullying.

Os **problemas de comportamento**, não são fatores muito robustos para o bullying tradicional, a não ser se associados às *vítimas-agressoras*, um tipo de vítima provocativa. Ainda que sem dados, coloca-se a hipótese do mesmo se aplicar ao cyberbullying.

Foi verificado que, apesar de apresentarem algumas diferenças, o processo de vitimização pelo cyberbullying e pelo bullying tradicional têm muitos elementos em comum. Além disso, os estudos demonstraram que a transferência de papéis do contexto físico para o virtual e vice versa é uma realidade.

Assim, é possível considerar que o cyberbullying se trate essencialmente de uma nova forma de bullying tradicional indireto e não um fenômeno não relacionado e totalmente diferente.

### **Agradecimentos**

Em primeiro lugar, um agradecimento ao meu orientador, Prof. Dr. Mário Simões, que demonstrou um entusiasmo logo desde o início do processo, o que certamente serviu de motivação não só para iniciar como também para concluir o artigo. Agradeço também a sua ajuda imprescindível para adquirir artigos que se mostraram bastante úteis para tirar conclusões credíveis.

Agradeço aos meus pais por todo o apoio incondicional que sempre me proporcionaram, não só para este trabalho, como para todo o curso.

Agradeço ao Adriano, o meu porto de abrigo psicológico, sem o qual certamente me teria deixado ir abaixo nos momentos mais críticos.

Obrigada à minha irmã, ela própria vítima de bullying, que me fez suscitar o sentimento de revolta que foi, em tudo, motivador para estudar este fenómeno com os detalhes merecidos.

Por último, obrigada a todos aqueles que se cruzaram no meu caminho, que tiveram o interesse em abordar este assunto e que me possibilitaram discussões saudáveis acerca da realidade com a qual contactam, mais especificamente os professores da Escola Básica de 2º e 3º ciclos D.Martinho de Castelo Branco, em Portimão.

## Referências Bibliográficas

1. Leiner M, Dwivedi AK, Villanos MT, Singh N, Blunk D, Peinado J. Psychosocial profile of bullies, victims, and bully-victims: a cross-sectional study. *Front Pediatr*. 2014;2(January):1–9.
2. Andersen LP, Labriola M, Andersen JH, Lund T, Hansen CD. Bullied at school, bullied at work: a prospective study. *BMC Psychol* [Internet]. 2015;3(1):35. Available from: <http://www.biomedcentral.com/2050-7283/3/35>
3. Olweus D. School bullying: development and some important challenges. *Annu Rev Clin Psychol* [Internet]. 2013;9(December 2012):751–80. Available from: <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/23297789>
4. Caravaca Sánchez F, Falcón Romero M, Navarro-Zaragoza J, Luna Ruiz-Cabello A, Rodrigues Frantzisko O, Luna Maldonado A. Prevalence and patterns of traditional bullying victimization and cyber-teasing among college population in Spain. *BMC Public Health* [Internet]. 2016 Dec 19;16(176):1–10. Available from: <http://dx.doi.org/10.1186/s12889-016-2857-8>
5. Holt TJ, Fitzgerald S, Bossler AM, Chee G, Ng E. Assessing the Risk Factors of Cyber and Mobile Phone Bullying Victimization in a Nationally Representative Sample of Singapore Youth. *Int J Offender Ther Comp Criminol* [Internet]. 2014;60(5):598–615. Available from: <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/25326463>
6. Fisher HL, Caspi A, Moffitt TE, Wertz J, Gray R, Newbury J, et al. Measuring adolescents' exposure to victimization: The Environmental Risk (E-Risk) Longitudinal Twin Study. *Dev Psychopathol* [Internet]. 2015 Nov 4;27(4pt2):1399–416. Available from: <http://www.pubmedcentral.nih.gov/articlerender.fcgi?artid=4749027&tool=pmcentrez&rendertype=abstract>
7. Cook CR, Williams KR, Guerra NG, Kim TE, Sadek S. Predictors of bullying and victimization in childhood and adolescence: A meta-analytic investigation. *Sch Psychol Q*. 2010;25(2):65–83.
8. World Health Organization [Internet]. 2016 [cited 2016 Sep 6]. Available from: <http://www.who.int/mediacentre/factsheets/fs356/en/>
9. Kim JW, Lee KS, Lee YS, Han DH, Min KJ, Song SH, et al. Factors associated with group bullying and psychopathology in elementary school students using child-welfare facilities. *Neuropsychiatr Dis Treat*. 2015;11:991–8.

10. Jansen DEDDED, Veenstra R, Ormel J, Verhulst FC, Reijneveld SA, Johan O, et al. Early risk factors for being a bully, victim, or bully/victim in late elementary and early secondary education. The longitudinal TRAILS study. BMC Public Health [Internet]. 2011;11(1):440. Available from:  
<http://www.pubmedcentral.nih.gov/articlerender.fcgi?artid=3128024&tool=pmcentrez&rendertype=abstract> \n <http://www.biomedcentral.com/1471-2458/11/440>
11. Zeedyk SM, Rodriguez G, Tipton LA, Baker BL, Blacher J. Bullying of youth with autism spectrum disorder, intellectual disability, or typical development: Victim and parent perspectives. Res Autism Spectr Disord [Internet]. 2014 Sep;8(9):1173–83. Available from:  
<http://linkinghub.elsevier.com/retrieve/pii/S1750946714001342>
12. Kowalski RM, Limber SP. Psychological, physical, and academic correlates of cyberbullying and traditional bullying. J Adolesc Heal [Internet]. 2013;53(1 SUPPL):S13–20. Available from:  
<http://dx.doi.org/10.1016/j.jadohealth.2012.09.018>
13. Rodkin PC, Hanish LD, Wang S, Logis H a. Why the bully/victim relationship is so pernicious: a gendered perspective on power and animosity among bullies and their victims. Dev Psychopathol [Internet]. 2014;26(3):689–704. Available from:  
<http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/25047292>
14. Jäger, T., Stelter, C., Amado, J., Matos, A. & Pessoa T. Cyberbullying – Um manual de formação de pais . CyberTraining 4 Parents. Coimbra; 2012.
15. Andreia L, Rodrigues S. Cyberbullying : um fenómeno emergente nos jovens portugueses. Universidade de Coimbra; 2013.
16. Juan Villén. TITULO : Cyberbullying : prevalencia y características de un nuevo tipo de bullying indirecto AUTOR : Juan Calmaestra Villén. Universidad de Córdoba; 2011.
17. Ojanen TT, Boonmongkon P, Samakkeekarom R, Samoh N, Cholratana M, Guadamuz TE. Connections between online harassment and offline violence among youth in Central Thailand. Child Abuse Negl [Internet]. 2015 Jun;44:159–69. Available from:  
<http://linkinghub.elsevier.com/retrieve/pii/S0145213415001131>
18. Barboza GE. The association between school exclusion, delinquency and subtypes of cyber- and F2F-victimizations: Identifying and predicting risk profiles and subtypes using latent class analysis. Child Abus Negl [Internet].

- 2015;39:109–22. Available from: <http://dx.doi.org/10.1016/j.chiabu.2014.08.007>
19. Merrill RM, Hanson CL. Risk and protective factors associated with being bullied on school property compared with cyberbullied. *BMC Public Health* [Internet]. 2016;16(145):1–10. Available from: <http://dx.doi.org/10.1186/s12889-016-2833-3>
  20. Waasdorp TE, Bradshaw CP. The overlap between cyberbullying and traditional bullying. *J Adolesc Heal* [Internet]. 2015;56(5):483–8. Available from: <http://dx.doi.org/10.1016/j.jadohealth.2014.12.002>
  21. Seixas S, Fernandes L, Morais T de. Cyberbullying - Um guia para pais e educadores. 1ª. Editora P, editor. Lisboa; 2016.
  22. Andrade LCF. Bullying e Cyberbullying: Um estudo num contexto escolar particular cooperativo [Internet]. [Madeira]: Universidade da Madeira; 2012. Available from: <http://ebooks.cambridge.org/ref/id/CBO9781107415324A009>
  23. Ciucci E, Baroncelli A. Emotion-related personality traits and peer social standing: Unique and interactive effects in cyberbullying behaviors. *Cyberpsychology, Behav Soc Netw* [Internet]. 2014;17(9):584–90. Available from: <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/25055248>
  24. Bradshaw CP, Waasdorp TE, Johnson SL. Overlapping Verbal, Relational, Physical, and Electronic Forms of Bullying in Adolescence: Influence of School Context. *J Clin Child Adolesc Psychol* [Internet]. 2015;44(3):494–508. Available from: <http://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/15374416.2014.893516>
  25. Ybarra ML, Espelage DL, Mitchell KJ. Differentiating Youth Who Are Bullied From Other Victims of Peer-Aggression: The Importance of Differential Power and Repetition. *J Adolesc Heal* [Internet]. 2014 Aug;55(2):293–300. Available from: <http://linkinghub.elsevier.com/retrieve/pii/S1054139X14000895>
  26. Lien L. Factors Associated with the Persistence of Bullying Victimization From 10th grade to 13th Grade: A Longitudinal Study. *Clin Pract Epidemiol Ment Heal* [Internet]. 2013 Jan 12;9(1):243–50. Available from: <http://www.pubmedcentral.nih.gov/articlerender.fcgi?artid=3870461&tool=pmcentrez&rendertype=abstract>
  27. Wei H-S, Lee W. Individual and Social Network Predictors of Physical Bullying: A Longitudinal Study of Taiwanese Early Adolescents [Internet]. Vol. 29, *Violence and Victims*. 2014. Report No.: 4. Available from: <http://dx.doi.org/10.1891/0886-6708.VV-D-12-00173>



28. Silva MAI, Pereira B, Mendonça D, Nunes B, de Oliveira WA. The involvement of girls and boys with bullying: An analysis of gender differences. *Int J Environ Res Public Health*. 2013;10(12):6820–31.
29. Petroceli AW. Prática de Bullying e Predisposição de Respostas a Estímulos em Adolescentes [Internet]. [Porto Algere]: Universidade Federal do Rio Grande do Sul; 2013. Available from: <http://ebooks.cambridge.org/ref/id/CBO9781107415324A009>
30. Rech RR, Halpern R, Tedesco A, Santos DF. Prevalence and characteristics of victims and perpetrators of bullying. *J Pediatr (Rio J)* [Internet]. 2013;89(2):164–70. Available from: <http://dx.doi.org/10.1016/j.jped.2013.03.006>
31. Santos M. Cyberbullying na Adolescência: Perfil Psicológico de Agressores, Vítimas e Observadores. Universidade de Lisboa; 2015.
32. Pollastri AR, Cardemil E V, O'Donnell EH. Self-esteem in pure bullies and bully/victims: a longitudinal analysis. *J Interpers Violence*. 2010;25(8):1489–502.
33. Hemphill SA, Tollit M, Kotevski A, Heerde JA. Predictors of Traditional and Cyber-Bullying Victimization: A Longitudinal Study of Australian Secondary School Students. *J Interpers Violence*. 2015;30(3015):2567–90.
34. Moura DR de, Cruz ACN, Quevedo L de Á. The prevalence and characteristics of first to eighth grade bullying victims. *J Pediatr (Rio J)*. 2010;87(1):19–23.
35. Bayraktar F, Machackova H, Dedkova L, Cerna A, Sevcíková A. Cyberbullying: The Discriminant Factors Among Cyberbullies, Cybervictims, and Cyberbully-Victims in a Czech Adolescent Sample. *J Interpers Violence* [Internet]. 2015;30(18):3192–216. Available from: <http://jiv.sagepub.com/cgi/doi/10.1177/0886260514555006>
36. Shakoor S, Jaffee SR, Bowes L, Ouellet-Morin I, Andreou P, Happé F, et al. A prospective longitudinal study of children's theory of mind and adolescent involvement in bullying. *J Child Psychol Psychiatry* [Internet]. 2012 Mar;53(3):254–61. Available from: <http://doi.wiley.com/10.1111/j.1469-7610.2011.02488.x>
37. Shakoor S, McGuire P, Cardno AG, Freeman D, Plomin R, Ronald A. A shared genetic propensity underlies experiences of bullying victimization in late childhood and self-rated paranoid thinking in adolescence. *Schizophr Bull*. 2015;41(3):754–63.

38. Cross D, Lester L, Barnes A. A longitudinal study of the social and emotional predictors and consequences of cyber and traditional bullying victimisation. *Int J Public Health*. 2015;60(2):207–17.
39. Yang SJ, Stewart R, Kim JM, Kim SW, Shin IS, Dewey ME, et al. Differences in predictors of traditional and cyber-bullying: A 2-year longitudinal study in Korean school children. *Eur Child Adolesc Psychiatry*. 2013;22(5):309–18.
40. Sontag LM, Clemans KH, Graber JA, Lyndon ST. Traditional and Cyber Aggressors and Victims: A Comparison of Psychosocial Characteristics. *J Youth Adolesc*. 2011;40(4):392–404.
41. Verlinden M, Veenstra R, Ghassabian A, Jansen PW, Hofman A, Jaddoe VW V, et al. Executive functioning and non-verbal intelligence as predictors of bullying in early elementary school. *J Abnorm Child Psychol*. 2014;42(6):953–66.
42. Perren S, Gutzwiller-Helfenfinger E, Malti T, Hymel S. Moral reasoning and emotion attributions of adolescent bullies, victims, and bully-victims. *Br J Dev Psychol*. 2012;30(4):511–30.
43. Wilson ML, Viswanathan B, Rousson V, Bovet P. Weight status, body image and bullying among adolescents in the Seychelles. *Int J Environ Res Public Health*. 2013;10(5):1763–74.
44. Jacobs N, Goossens L, Dehue F, Völlink T, Lechner L. Dutch Cyberbullying Victims' Experiences, Perceptions, Attitudes and Motivations Related to (Coping with) Cyberbullying: Focus Group Interviews. *Societies* [Internet]. 2015;5(1):43–64. Available from: <http://www.mdpi.com/2075-4698/5/1/43/>
45. DeSmet A, Deforche B, Hublet A, Tanghe A, Stremersch E, De Bourdeaudhuij I. Traditional and cyberbullying victimization as correlates of psychosocial distress and barriers to a healthy lifestyle among severely obese adolescents--a matched case-control study on prevalence and results from a cross-sectional study. *BMC Public Health* [Internet]. 2014;14(1):224. Available from: <http://www.pubmedcentral.nih.gov/articlerender.fcgi?artid=3975929&tool=pmcentrez&rendertype=abstract>
46. Scheffel DLS, Jeremias F, Fragelli CMB, dos Santos-Pinto LAM, Hebling J, De Oliveira OB. Esthetic dental anomalies as motive for bullying in schoolchildren. *Eur J Dent*. 2014;8(1):124–8.
47. Sapouna M, Wolke D, Vannini N, Watson S, Woods S, Schneider W, et al. Individual and social network predictors of the short-term stability of bullying

- victimization in the United Kingdom and Germany. *Br J Educ Psychol*. 2012;82(2):225–40.
48. Fonseca P. *Bullying e Cyberbullying : Estudo do Fenómeno em Jovens Estudantes do Ensino Secundário*. Universidade Fernando Pessoa; 2015.
  49. Hemphill SA, Heerde JA. Adolescent predictors of young adult cyberbullying perpetration and victimization among australian youth. *J Adolesc Heal* [Internet]. 2014;55(4):580–7. Available from: <http://dx.doi.org/10.1016/j.jadohealth.2014.04.014>
  50. Polanczyk G V. Monozygotic twins discordant for being bullied: A step closer to understanding the biology of victimization. *J Am Acad Child Adolesc Psychiatry*. 2011;50(6):538–9.
  51. Erentaite R, Bergman LR, Žukauskiene R. Cross-contextual stability of bullying victimization: A person-oriented analysis of cyber and traditional bullying experiences among adolescents. *Scand J Psychol*. 2012;53(2):181–90.
  52. Radliff KM, Wang C, Swearer SM. Bullying and peer victimization: An examination of cognitive and psychosocial constructs. *J Interpers Violence* [Internet]. 2015;Advance on:1–23. Available from: <http://jiv.sagepub.com/cgi/doi/10.1177/0886260515572476>
  53. Lonigro A, Schneider BH, Laghi F, Baiocco R, Pallini S, Brunner T. Is Cyberbullying Related to Trait or State Anger? *Child Psychiatry Hum Dev*. 2014;46(3):445–54.
  54. Stanbrook MB. Stopping cyberbullying requires a combined societal effort. *Cmaj*. 2014;186(7):483.
  55. Rice E, Petering R, Rhoades H, Winetrobe H, Goldbach J, Plant A, et al. Cyberbullying perpetration and victimization among middle-school students. *Am J Public Health*. 2015;105(3):e66–72.
  56. Lindfors PL, Kaltiala-Heino R, Rimpelä AH. Cyberbullying among Finnish adolescents--a population-based study. *BMC Public Health* [Internet]. 2012;12:1027. Available from: <http://www.pubmedcentral.nih.gov/articlerender.fcgi?artid=3585473&tool=pmcentrez&rendertype=abstract>
  57. Livingstone S, Haddon L. *EU Kids Online : Final Report*. LSE, London: EU Kids Online. London; 2009.
  58. Cuadrado-Gordillo I, Fernandez-Antelo I. Vulnerability and Mimicry as

- Predictive Axes in Cyberbullying. *J Interpers Violence*. 2016;31(1):81–99.
59. Chang FC, Chiu CH, Miao NF, Chen PH, Lee CM, Huang TF, et al. Online gaming and risks predict cyberbullying perpetration and victimization in adolescents. *Int J Public Health*. 2014;60(2):257–66.
60. Del Rey R, Elípe P, Ortega-Ruiz R. Bullying and cyberbullying: overlapping and predictive value of the co-occurrence. *Psicothema* [Internet]. 2012;24(4):608–13. Available from: <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/23079359>
61. Azevedo JC, Miranda FA De, Souza CHM De. Reflexões a cerca das estruturas psíquicas e a prática do Ciberbullying no contexto da escola. *Intercom - RBCC*. 2012;35(2):247–65.